"TEMPOS DOURADOS: TRAJETÓRIA E REPRESENTATIVIDADE DA PERNAMBUCANA MARLY MOTA

Maycke Danielly Sereno da Silva[1]
Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral[2]

RESUMO: Com o intuito de evidenciar a figura, o trabalho feminino e as narrativas esquecidas por uma sociedade, este trabalho busca visibilizar a trajetória da artista e escritora pernambucana Marly de Arruda Ramos Mota, nascida no início da década de 20, no Engenho São Francisco em Ipojuca, PE. Viveu os "Tempos Dourados" de sua vida na cidade de Bom Jardim, interior de Pernambuco. Nos anos 40, transferiu-se com a família para o Recife, onde cursou magistério. No final dessa mesma década conheceu o poeta, jornalista e professor Mauro Mota, com quem viveu durante 34 anos de sua vida. Em 1965, publicou o seu primeiro livro "Pátio da Matriz", no qual registrou algumas manifestações folclóricas e outras impressões sobre o mundo que descortinava da varanda de sua casa. Em 21 de setembro de 2009, tornou-se imortal pela Academia Pernambucana de Letras, ocupando a cadeira de nº 29; Marly também é integrante da Academia de Artes e Letras de Pernambuco e da Academia Luso-Brasileira de Letras do Rio de Janeiro. Tomamos como aportes teórico-metodológicos as contribuições de Roger Chartier sobre a ideia de representação e os estudos sobre biografias por Benito Bisso Schmidt.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Biografia. Intelectuais.

INTRODUÇÃO

A década de 1920 foi marcada por grandes transformações sociais, urbanas e econômicas dentro das grandes cidades do Brasil. Em uma sociedade em constantes transformações urbanísticas, políticas, sociais e culturais; os hábitos e costumes também sofreram mudanças. As mulheres dessa época tiveram seus hábitos, comportamentos e maneiras influenciados pelas mudanças ocorridas dentro da sociedade no período vigente. Destacar a história da mulher e o seu papel dentro da sociedade também é uma maneira de "[...] fazê-las existir, viver e ser" (PRIORE, 2006, p. 9).

[1] Graduanda em História da Universidade Católica de Pernambuco. Voluntária do PIBIC-UNICAP. Integrante do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. E-mail: mayckedanielly@hotmail.com.
[2] Professor do Curso de História e do PPGH da Universidade Católica de Pernambuco. Coordenador do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. E-mail: walter.amaral@unicap.br.

A imagem feminina da década de 20 é um ser moderno e mais autônomo, as mulheres ganham o espaço público, passam cada vez mais, irem sozinhas às ruas, tornando-se corriqueiro vê-las passeando sem acompanhante pelas avenidas dos grandes centros urbanos. A análise do comportamento das mulheres da década de 1920 é fundamental para entendermos a construção da representação feminina na sociedade contemporânea, entendendo que as revoluções dos anos seguintes estarão inteiramente ligadas a construção dessa imagem forte e autônoma que as mulheres foram criando.

Apesar de uma maior liberdade, as mulheres da década de 1920 viveram em uma sociedade que, por meios de comunicação propagavam os ideais de comportamentos pautados principalmente na religiosidade. Naquele período surgiu a "Revista Feminina", que tinha por objetivo disseminar uma feminilidade sagrada, instruir as mulheres, oferecer uma literatura "sã e moral", "recreativa e literária" que "colaborasse para educação doméstica e a orientação do espírito feminino" (SÁ, in: REVISTA FEMININA, 1922, p. 18). Na cidade do Recife, entre os anos de 1922 e 1926, não era incomum encontrarmos mulheres por toda a parte: nas ruas, bondes, cafés, bailes, teatros, cinemas, escolas, lojas, festas de igreja e nas fábricas. Ocupavam espaços e trabalhavam como cigarreiras, artistas, parteiras, quitandeiras, cartomantes, professoras etc.

"TEMPOS DOURADOS"

No embalo das grandes transformações urbanísticas, sociais e culturais ocorridas nos anos 20 do século passado, nasce no Engenho São Francisco, localizado no município de Ipojuca-PE, no dia 22 de janeiro de 1926, a artista plástica e escritora Marly de Arruda Ramos Mota. Filha de Manuel Cavalcanti de Arruda e de Maria Digna. A escritora viveu os "tempos dourados" da sua vida com seus pais e irmãos na cidade de Bom Jardim, interior pernambucano, numa casa centenária e rica em objetos coloniais. Através da análise da sua vida, levantamento de dados e narração dos acontecimentos, conseguimos traçar um estreito percurso entre toda sua vida e sua carreira, evidenciando uma produção por meio da biográfica de uma simples mulher

pernambucana. O gênero biográfico ganhou destaque e desempenhou um papel de desenvolvimento o não só da História, como também das Ciências Sociais. François Dosse, na obra "O Desafio Biográfico" analisa essa perspectiva:

> A biografia, durante muito tempo, se limitou a transcrever o percurso de homens ilustres, deixando de lado o homem comum, tributário das decisões dos poderosos. A crítica desse privilégio concedido aos estratos superiores da sociedade gerou uma historiografia que reorientou seu olhar para as massas e as lógicas coletivas (DOSSE, 2015, p. 297).

Diferente dos dias atuais, as narrativas biográficas, por muito tempo apenas reproduziram os discursos dominantes a partir de grandes exemplos mas essa perspectiva mudou e o novo campo da análise histórica do estudo biográfico deixa claro que o relato de vida de uma mulher enquanto artista e literária passa a ser válido.

De lá, Bom Jardim, com a ajuda da natureza que, para Marly Mota é a mais bela das artes, gravou na memória e nas telas os compactos ipês amarelos, margeando as encostas das serras; a igreja barroca de Nossa Senhora Santana, padroeira da cidade; as ruas, gentes locais moradores das redondezas, subindo e descendo ladeiras; sobrados cobertos de azulejos portugueses; procissões com meninas vestidas de anjos (sendo a escritora foi uma delas); e manifestações populares: do pastoril às brigas de galo. Essas são algumas das inúmeras lembranças que a artista guarda em sua memória, traduz em seus escritos e quadros.

Além da cidade de Bom Jardim, Marly Mota sempre demonstra ter outras lembranças das temporadas que passava na fazenda Alegre, propriedade dos seus pais. Do Agreste setentrional, na cidade de Surubim, têm na memória os momentos vividos no Engenho Independência, morada dos seus avós. Adorada pela escritora, a cidade de Bom Jardim mais tarde forneceria o cenário para os acontecimentos, fatos e personagens do seu primeiro livro: "Pátio da Matriz". Foi uma menina curiosa, cheia de questionamentos e indagações, gostava de descobrir as coisas e ouvir as conversas dos adultos. Estudou piano aos 8 anos de idade com a mestra alemã Maurícia Lense, da

Ordem Beneditina do Colégio Santana em Bom jardim, onde Marly Mota passou a infância e adolescência. Seu pai gostava de lhe ouvir tocar e foi um grande motivador daquela menina curiosa, incentivando-a a ser pianista. Cheia de energia e interesse, ainda quando menina começara a escrever diários e relatos da sua vida, objetos de memórias muito afetivas. Tempos depois colaborou em jornais da escola e na revista do Clube Internacional do Recife.

A ARTISTA MARLY MOTA

A menina Marly Mota cursou o primário no colégio Santana localizado em Bom Jardim, no secundário foi para o internato, algo que acontecia com certa frequência para as jovens de famílias abastardas naquela época, passando a estudar no Colégio de Santa Tereza, em Nazaré da Mata. Fez o curso Pedagógico e foi aluna de padre Daniel Lima, seu mestre e um grande incentivador, amizade que durou por muito tempo. Anos mais tarde, transferiu-se para a cidade do Recife junto com sua família. Na capital pernambucana, a artista plástica e escritora deu continuidade aos seus estudos cursando Magistério na Escola Normal Oficial de Pernambuco. Formou-se concluindo o curso no ano de 1943, entretanto, acabou não exercendo a profissão.

A vida na capital trouxe para Marly grandes oportunidades de crescimento pessoal e intelectual, além disso, encarregou de trazer pra sua vida o seu grande amor. Na década de 1940, em um das suas viagens de bonde pela cidade ela conheceu o poeta, jornalista e professor Mauro Ramos da Motta Albuquerque. Importante intelectual de sua época, ganhador de inúmeros títulos e prêmios, membro da Academia Pernambucana de Letras e da Academia Brasileira de Letras, desta ultima chegou a ser presidente. Marly Mota e Mauro Mota oficializaram a união em 24 de fevereiro de 1949, o casório ocorreu no bairro das Graças, no Recife, na Igreja Matriz das Graças, sendo celebrado pelo padre José da Mota, irmão do escritor. Quando casaram, Mauro Mota era viúvo e pai de dois filhos, frutos do seu primeiro casamento com Hermantine Cortez; sendo assim, com apenas 22 anos de idade, Marly Mota assumia a

responsabilidade de esposa e mãe. Juntos o casal Mota tiveram outros quatro filhos: Maurício, Eduardo, Sérgio e Teresa.

Sempre discreta, ao lado de Mauro, Marly recebia com a delicadeza todos que rodeavam o poeta recifense. Participando da vida intelectual, mas reservada, em silêncio, escrevia suas crônicas, sem que ninguém suspeitasse de que atrás daquela senhora que tão bem sabia receber, estava uma escritora.



Imagem 1: Marly Mota e Mauro Mota.
Fonte: Acervo da APL, 2020.

Com uma longa união, que durou 34 anos, Mauro foi um grande entusiasta e admirador dos escritos de sua companheira. Sensível às artes plásticas e a literatura, Marly produziu suas primeiras telas, em estilo naif, a partir de 1965, ano que estreou na atividade literária com o seu primeiro livro. Por iniciativa dos amigos do casal, os escritores Luiz Delgado, Nilo Pereira e Gilberto Osório de Andrade foram responsáveis por ler as primeiras crônicas da escritora e se propuseram a encaminhá-las à Companhia Editora de Pernambuco (CEPE). Nascia assim, de forma aparentemente despretensiosa, o livro "Pátio da Matriz", com ilustrações do pintor Lula Cardoso Ayres.

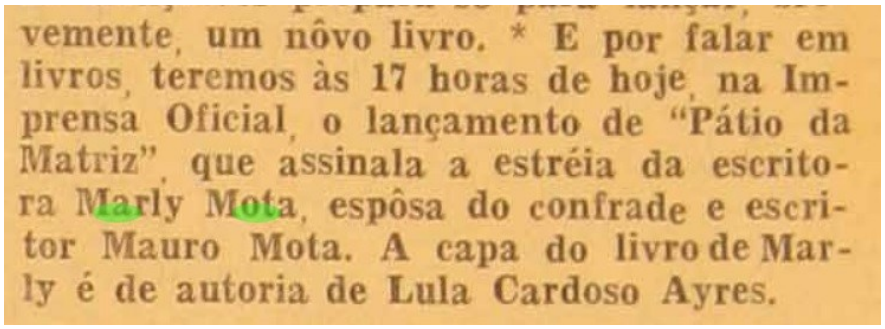
vemente, um nôvo livro. * E por falar em livros, teremos às 17 horas de hoje, na Imprensa Oficial, o lançamento de "Pátio da Matriz", que assinala a estréia da escritora Marly Mota, espôsa do confrade e escritor Mauro Mota. A capa do livro de Marly é de autoria de Lula Cardoso Ayres.

Imagem 2: Recorte do Diário da Manhã, pág. 4, 1965.
Fonte: Acervo da Companhia Editora de Pernambuco.

A sua primeira obra publicada foi um sucesso, bem aceito pela sociedade, ela narra relatos de uma vida simples no interior, rico em aspectos culturais, descreve os namoros das moças em busca de um marido, as personagens quase folclóricas, como a louca Maria Borges, e os espaços comuns, como as feiras, as cheias e as missas. Um mundo em movimento, no qual o/a leitor/a se debruça e se encanta com tamanha leveza na escrita. Além de "Pátio da Matriz", a escritora publicou outras três obras: "Janela" (1997), "O mundo e o carrossel" (2009) e "Além do jardim" (2009). Ambos os livros foram publicados pela Companhia Editora de Pernambuco, coletâneas de crônicas escritas por Marly para os periódicos "Jornal do Commercio" e "Diário de Pernambuco". Os livros circulam de um canto a outro levando matéria de memórias, fascinando cada leitor/a com diferentes conteúdos e estilos, deixando a marca peculiar da escritora que recria o mundo com o que há em torno dela própria.

Constantemente elogiada por outros intelectuais pernambucanos, como o sociólogo Gilberto Freyre, que vangloriava a forma como Marly Mota escrevia suas crônicas. Atualmente com 94 anos de idade, a escritora costuma propagar que se arrisca a escrever o que ficou da menina que foi antes, curiosa. Ela tem poesia telúrica em tudo que escreve e pinta, com sentimentos visualizáveis pelas palavras e cores. A saudade e a memória são o que mais lhe toca e inspira. Para além de um talento literário, Marly Mota também é reconhecida por sua vivência e trabalho desempenhado dentro do campo das artes plásticas. Ora escritora, ora artista plástica, ela vem desenvolvendo uma carreira paralela de pintora e escritora, imprimindo à sua obra um caráter lírico,

sentimental e memorialístico, que remetem à paisagem e aos costumes interioranos que tanto marcaram a sua vida e sua memória até os dias de hoje. Com um talento indescritível no cenário das artes plásticas, a escritora fez grande sucesso com exposições nacionais e internacionais.

PARA ALÉM DOS ESCRITOS

Intuitiva e fazendo arte com o coração, não há o que falte na pintura da artista plástica Marly Mota, passando para as telas tudo àquilo que viu, viveu e experimentou, sua temática é pautada em memórias e experiências que teve enquanto menina. Dizia Gilberto Freyre: "O que mais me encanta na pintura, toda ela lírica –mesmo quando anedótica- de Marly Mota, é a sua sensibilidade ás pequenas igrejas, aos pequenos sobrados, ás casas de porta-e-janela dos burgos docentes brasileiros que formam o seu "tipo ideal" de cidade" (FREYRE, Gilberto. A Propósito de Marly Mota, Jornal do Commercio. Acervo da APL, 2020).

Pintando a simplicidade das pequenas cidades, a artista vai conquistando e consolidando sua vida nas artes seduzindo a todos/as com o encanto presente nas suas telas e representações. Como artista plástica, Marly Mota, teve a sua primeira exposição individual em 1967, quando mostrou uma série de óleos sobre tela no Salão do Hotel São Domingos, no Recife. No dia do lançamento da sua primeira exposição foi organizada uma quimera, o pintor e colecionador de Arte Sacra, Abelardo Rodrigues, escreveu uma apresentação no catálogo. Marcaram presença no evento figuras importante; além dessa exposição, ela promoveu outras nacionais e internacionais, esteve com exposições no Museu Lval e Ille de France (Paris, França), na Biblioteca Rocha Peixoto (Póvoa de Varzim, Portugal) e no Museu Etnografia e História (Porto, Portugal), com exposições permanentes compondo Cenas Ecianas (cenas produzidas através dos escritos de Eça de Queiroz).



Imagem 3: Cenas Ecianas - Os Maias, O jardim do "ramalhetes", 1995.
Fonte: Acervo da APL, 2020.

Marly Mota teve um trabalho de ilustração de obras bastante conhecido, além de ilustrar alguns escritos de Eça de Queiroz, a artista ilustrou obras de Gilberto Freyre e de Mauro Mota, esses trabalhos foram intitulados, respectivamente: Cenas Ecianas, Cenas Freyrianas e Cenas Mauromotianas.

O escritor Walmir Ayala, afirmou que: "Cenas da vida popular do Nordeste são o tema da pintura ingênua de Marly Mota, que expressa num capricho e limpo registro do labor interiorano, a que não falta uma perspectiva panorâmica e o traço firme" (AYALA, Walmir. Acervo da APL, 2020).

Alguns jornais relataram a importância da artista plástica que Marly Mota estava se tornando, é comum encontrarmos em alguns noticiários a divulgação do êxito que a artista estava obtendo nas exposições pelo Brasil afora. Como artista plástica, ilustrou diversos livros, dentre eles, "O Criador de Passarinhos" (de Mauro Mota) e "O Recife, Sim! Recife, Não!" (de Gilberto Freyre). Suas telas podem ser encontradas em alguns acervos, como: o da Galeria Metropolitana do Recife, da Academia Pernambucana de Letras; do Palácio do Governo de Pernambuco; da Academia Brasileira de Letras – Solar da Baronesa (Campos, RJ); do Museu do Novo México (Santa Fé, Estados Unidos); da Prefeitura Municipal de Bom Jardim; e da Reitoria da Universidade Federal

da Paraíba (João Pessoa). Além de exposições individuais, a artista participou de mais de dez exposições coletivas, realizadas tanto no Recife quanto em outras cidades do Brasil.

Com artes ricas em objetos e cores, artistas e amigos não pouparam elogios a pintora que traduzia nas telas principalmente as suas memórias. Como podemos observar abaixo, a partir de um recorte que encontramos na APL, no qual o sociólogo Gilberto Freyre afirma que:

> No provincianamente regional de que a pintura de Marly Mota é captação admirável, a artista não inventa: descobre, identificando-se de tal modo com o que descobre de expressivamente simples, em paisagens e gentes assim provinciais, que deixa de querer parecer erudita para torna-se, ela própria, provinciana no seu modo de ser simples (FREYRE, Acervo da APL, 2020).

Dando valor e importância ao lírico e regional, Marly Mota dá valor ao simples e ao rústico, tendo uma maneira inteiramente sua de expressar nas telas as memórias que a cercaram.

DE MENINA CURIOSA À IMORTAL

Aquela garota curiosa que gostava de descobrir as coisas se tornaria uma imortal da Academia Pernambucana de Letras. Tendo o nome sugerido a APL por um grupo de acadêmicos, em 27 de novembro de 2008, ela foi eleita à cadeira n. 29, que antes pertencia a poetisa recifense Maria do Carmo Barreto Campelo de Melo. A literária tomou posse no dia 21 de setembro de 2009, saudada por grandes intelectuais que acompanharam a sua trajetória. Para a abertura do evento, sentaram à mesa principal a atual presidente da Academia de Artes e Letras de Pernambuco, Maria Tereza Magalhães; o escritor e desembargador federal Paulo Gadelha; o bi imortal da APL e ABL Marcos Vilaça; o presidente, o vice e o secretário da APL, respectivamente, Waldenio Porto, Antônio Correa e Rostand Paraíso; além de Marly Mota e o senador e bi imortal da APL e ABL Marco Maciel.

A noite foi marcada por longos e profundos discursos, após a fala de Waldênio Porto, Marly Mota teve a oportunidade e fez suas considerações. Durante seu discurso fez um passeio pela sua vida, citou figuras importantes e consagradas pela sociedade e como de costume não deixou de falar do seu companheiro, o poeta Mauro Mota. A parte oficial da cerimônia ficou por conta de César Leal, responsável pela entrega do diploma, em decorrência, Marly Mota fez sua assinatura de posse e recebeu o colar acadêmico. Apesar de uma participação efetiva dentro da sociedade e em diversos aspectos, ela se considera uma pessoa tímida e que não gosta de dirigir-se e falar em público. Afirmando que: "De que gostaria mesmo, era deixar-se me longe das luzes, e dos olhares indagadores de alguns, e exigentes de outros, para conferir-me o mérito desta láurea acadêmica" (MOTA, in: Revista da APL, 2011, p. 218).

Apesar disso, a escritora e artista plástica ressaltou sentir-se honrada por poder partilhar do convívio e da nova fase de sua vida que se iniciaria dentro da Academia Pernambucana de Letras. No passeio pela sua vida, relembrou de sua infância em Bom Jardim e de suas memórias que possuem grandes referências afetivas, além disso, relatou o seu modo de vida naquele momento com seus 81 anos de idade. Descreveu viver feliz com a liberdade que a velhice lhe trouxe, sem censuras e aproveitando o seu tempo até altas horas no computador, digitando crônicas ou até mesmo desenhando uma nova tela. Ainda na noite da sua posse, a nova imortal fez o lançamento de suas duas últimas obras: "Além do jardim" e "O mundo e o carrossel", a renda dos livros foi revertida em favor da obra assistencial da Fundação Verde, situada na cidade de Arcoverde, Sertão de Pernambuco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta breve análise da trajetória de Marly de Arruda Ramos Mota, a partir dos estudos produzidos sobre biografia e do acesso à documentação, acreditamos ter conseguido construir uma narrativa da sua vida enquanto grande artista plástica e escritora. Além de destacarmos os seus principais traços biográficos, especificando sua formação intelectual e como esta se reflete em suas obras, observamos como a memória

é um ponto fundamental nas suas produções. Destacamos, também, o lugar de fala da artista tendo em vista que o seu nome circulava em jornais de grande circulação na cidade do Recife entre as décadas de 60 e 70, do século passado. Por fim, ressaltamos que, a importância de analisarmos as temáticas abordadas em suas obras e os seus discursos acerca de aspectos culturais e socais; elementos que nos ajudam a compreender o papel e a representativa de Marly Mota dentro da Academia Pernambucana de Letras.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, Campos (Org.). **Cronistas de Pernambuco**. Recife: Carpiem Diem Edições e Produções, 2010.

AYALA, Walmir. **Acervo da APL** [recortes], 2020.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difusão Editorial, 1998.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: Editora Edusp, 2015.

FREYRE, Gilberto. **Mais uma vez, Marly Mota**. Acervo da APL [recortes], 2020.

FREYRE, Gilberto. **A Propósito de Marly Mota.** Acervo da APL [recortes], 2020.

GASPAR, Lúcia; BARBOSA, Virgínia (Org.). **A presença de Mauro Mota no acervo da Fundação Joaquim Nabuco**: inventario documental, 1927-2010. Recife: FUNDAJ, 2011.

MATOS, Adriana Dória et. al. **Da letra à voz**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2008.

MOTA, Marly. Discurso de posse de Marly de Arruda Ramos Mota. **Revista da Academia Pernambucana de Letras**. Recife: A Academia, n. 40, set., p. 337, 2011.

QUINTAS, Fátima (Org.). **Academia Pernambucana de Letras**. Recife: Bagaço, 2016.

SÁ, Katty Cristina Lima: O modelo feminino ideal no Brasil da década de 20. **Revista Feminina**, São Paulo, ano IX, 1922. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/o-modelo-feminino-ideal-do-brasil-da-decada-de-1920/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PRIORE, Mary Del (Org.). **Histórias das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

VASCONCELO, Carlota. Marly Mota – imortal. **Recanto das Letras**, Recife, 2009. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/poesiasdedicatorias/2220257>. Acesso em: 20 nov. 2020.